



Deriva parada

Janaína Bechler*

Havia em mim alguém que sabia mais ou menos olhar, mas era uma personagem intermitente, só animada pelo contato de alguma essência geral, manifestando-se em muitas coisas. [...] Então via e ouvia, mas só a determinada profundidade, de nada valendo, assim, para observação. Como um geômetra que, despojando os corpos das qualidades sensíveis, só lhes visse o substrato linear, escapava-me o que as pessoas contavam, pois não me interessava o que diziam, e sim o modo pelo qual diziam, e tanto quanto lhes revelava o caráter ou os ridículos. [...] meu espírito, até então sonolento, mesmo sob a aparente vivacidade das palavras cuja animação, na conversa, mascarava para outrem um completo torpor espiritual, lançava-se, de súbito à caça, mas o que perseguia [...] situava-se a certa profundidade, para além da aparência, em uma zona um pouco recuada. (PROUST, 1998, p. 27-28)

Desde junho de 2011, mantenho o exercício de ficar parada contra uma parede branca, anônima, durante uma hora, uma vez por semana, na rua dos Andradas, centro de Porto Alegre. Tenho nominado de “Deriva Parada” pois essa experiência está impregnada de um tipo de sensibilidade que aparece como marco nos movimentos artísticos Dadá, Surrealismo, Situacionismo (do qual eu cunho essa palavra, deriva), além de outros dentro da arte contemporânea que agem na cidade e no cotidiano como espaço potente, inventivo, maravilhoso.

* psicóloga, doutoranda PPG Psicologia Social e Institucional da UFRGS

Na esteira dessas tantas experiências, a escolha desse lugar obedeceu a um único princípio: a atração. Foi como derivação de uma série de caminhadas, primeiro por qualquer lugar na cidade, depois por muitas ruas do centro e depois pela rua dos Andradas, que almejei ficar parada. Mas ainda caminhei durante algum tempo por falta de coragem. Ficar parada me desestabilizava de uma forma diferente do movimento, e me dispunha a um estado de atenção próximo ao de alerta.

Nas primeiras vezes, fiquei menos ou mais tempo, em dias variados da semana, em diferentes horários. Até que fixei um dia, um horário e uma duração. Essa eleição, como todas as demais dessa aventura, se deu por atração: no dia da semana e no horário escolhidos, encontrava um tipo de aglomerado que me interessava. A sistematização também se deveu por entender que a repetição era um elemento importante do trabalho, ela daria condições para que o território acontecesse e, também, para que o território se desfizesse, visibilizando, nesse movimento, as camadas que o compõem, nesse caso, que compõem essa rua. Meu objetivo ao estar lá é colocar-me disponível diante do fluxo, sem compromisso ou intenção de conhecer pessoas, de fazer anotações ou de ser conhecida; mas, sim, de disponibilizar-me a reagir aos estímulos da rua, quando/quanto possível. Depois (imediatamente depois) sento-me em algum café do centro e escrevo o que aconteceu durante aquela hora em que permaneci parada na esquina, com alguma objetividade, seguindo um fluxo de memória.

Minha rotina foi sendo pontuada por algumas atividades, algumas provocadas por mim outras em resposta a algum estímulo. Comecei a fotografar a passagem do tempo e da multidão, fixada a partir do mesmo ponto, um determinado quadrado da laje da rua, no momento em que chego ao local. Às vezes, também fotografo durante o tempo em que fico encostada na parede, assim como, às vezes,

atendo ao telefone público, localizado próximo a mim, quando ele toca; outras vezes, respondo a uma enquete, e também sinto a vertigem da passagem, identifico personagens e às vezes sinto medo dos personagens que identifico. Às vezes, eu não estou lá quando estou. Às vezes me divirto, às vezes eu esqueço que estou, mas sempre sinto intensamente o percurso dessa hora, atravesso-a com alguma resistência. Talvez com a mesma densidade do tempo na infância, da espera pela chegada ao destino em uma viagem; ou a chegada do próximo aniversário; ou à festa junina do dia seguinte: o tempo é infinito e lento como uma bruma.

Experimento o paradoxo entre um lugar muito específico, aquele pedaço da rua dos Andradas, e um lugar qualquer, com as características descontextualizadas que essa percepção me permite acessar. Penso nisso como um certo efeito de suspensão dos sentidos preconcebidos para aquela rua, inspirada pela leitura de Deleuze (1983)¹ sobre um tipo de imagem cinematográfica, chamada por ele de “imagem-afecção”. Nesse tipo de imagem (quase sempre um primeiro plano, e quase sempre de rosto), a aproximação da câmera produz um efeito de descontextualização, acabando com a relação de contiguidade entre os corpos, os espaços, apresentando o rosto (ou outra matéria rostificada) como uma superfície de expressão de afeto, certa medida de rastro de uma ausência, de uma fenda de comum, informe, ou antes da forma.²

Uma rua já não é mais uma rua, mas uma neblina onde ela é rarefeita, quase como a pele de Jacques Demy, na imagem feita Agnès Varda,³ testemunho de seu amor que estava prestes a morrer: a câmera extremamente próxima, visibilizava os poros, pequenas manchas, traços e rugas, pelos, que jamais fariam a imagem de uma face comunicante do indivíduo Jacques, mas apresentavam a imagem parcial de uma fusão, a criação de uma zona de indeterminação.

Um espaço qualquer não é um universal abstrato, em qualquer tempo, em qualquer lugar. É um espaço perfeitamente singular que apenas perdeu sua homogeneidade, isto é, o princípio de suas relações métricas ou a conexão de suas próprias partes, tanto que as junções podem se dar de uma infinidade de modos. É um espaço de conjunção virtual, apreendido como puro lugar do possível. (DELEUZE, 1983, p. 128)

A repetição da ação de encostada e a escrita dos relatos de deriva me fazem identificar personagens na rua e, mais recentemente, ser identificada também como personagem. Minha proximidade com eles é imaginada no texto, que me deixa com a sensação de ausência, saudade, espera, reencontro, alegria, mesmo em relação àqueles com quem nunca troquei palavra ou olhar, muitos talvez nunca tenham me visto. Há uma eminência de relação, um quase, e até mesmo uma aproximação que não fizeram diluir o anonimato. É uma aproximação de personagens.

Até hoje ninguém me perguntou o que eu faço na rua, nem mesmo a estátua quando formulou essa questão sem nenhum interesse pela resposta. Minha resposta foi evasiva, eu não sei exatamente o que estou fazendo lá. Mas essa não é uma experiência exata, é uma aventura,⁴ dentro e fora da vida, uma ilha de indeterminações num espaço banal, cotidiano, central, que se materializa em pequenos textos dos quais extraí alguns fragmentos colocados a seguir.

DERIVA PARADA NA ANDRADAS

Imaginava ficar parada na Andradas, olhando os passantes. Imaginava também que sentiria certo incômodo de estar parada onde tudo sugere andar. Então vi a estátua de anjo e senti certa coragem.

Eu, então, me encostei na parede em frente, ao lado de um homem que

também estava encostado. Lembrei que estar encostado é a condição para quem não trabalha, vive à custa de alguém.

Formamos uma estranha série que começava por ele e terminava nos três amigos. Talvez por não querer participar dela, ele se afastou e parou ainda um tempo antes de ir-se definitivamente.

Um garoto vinha rente à parede. Uma mão riscava invisível com a ponta do dedo e a outra mão enlaçava a mãe.

Quando cheguei, busquei identificar os mesmos personagens. Senti falta da estátua, do homem de boné, dos três amigos.

Continuei um tempo ainda desviando de seu olhar que, ao longe, insistia. Logo em seguida, uma repórter da Rádio Guaíba pediu que respondesse a uma enquete. Aceitei. Era sobre o dia dos namorados. Eu respondi "não sei" a todas as perguntas, sem a intenção de ser antipática.

Fiquei com vontade de escrever manchetes.

Foi quando um beijo na esquina segurou meu olhar, quase como descanso, para não sucumbir à tontura do espaço que caiu, do abismo que se fez. Um demorado beijo, outro demorado beijo e a separação, cada um para um lado da rua. Pensei que eu esperava sem encontrar.

Hoje não encontrei os mesmos personagens da rua. Talvez pela chuva, parecia não haver ninguém vendendo nada, também não havia ninguém encostado ao meu lado. Na parede da frente da cortina de ferro, senti falta dos senhores de encontro. Aquela vertigem de não encontrar onde fixar o olhar novamente.

Me atropelou um senhor com as duas pernas enfaixadas e me pareceu que tinha também os braços também enfaixados. Seus olhos pareciam fincados em uma tela abstrata, como se

o rosto fosse um mapa, uma inscrição, um sôtão de Beckett. Atropelada, minhas pernas falsearam, quiseram deixá-lo passar, mas ele, tão próximo, não sei se me via, vinha na minha direção, passaria pelo meu chão. Fiquei parada, ele seguiu, olhei para ele, que dobrou a esquina da Borges.

Do outro lado vinha um homem segurando um troféu embaixo do braço. Pude ler, quando ele já me dava as costas: IND. Vencedor.

O telefone tocou e dessa vez resolvi atender. Saí da minha parede e caminhei até lá. Peguei-o do gancho e disse: "Olá!" A pessoa respondeu: "Quem fala?" "Aqui é da Rua dos Andradas, você ligou para cá."

O passo acelerado me fez ver o descompasso de alguns, lentos para o dia: um homem de suéter amarelo, uma criança que pulava a cada dois passos, o homem elegante do outro dia, que evoluía na passagem com graça de bailarino, um casal que corria, uma criança guarani que segurava no ar seu arco e lançava flechas para o alto.

O mesmo homem enfaixado andava novamente em minha direção e mais uma vez eu não soube se ficava ou se saía, se olhava ou se baixava os olhos. Dessa vez, ele me olhou profundamente e pareceu ver em mim o estranho que vi nele, mais uma vez hoje, menos hoje do que no outro dia.

Um homem vestiu um casaco verde, uma gravata vermelha de cetim e, na lapela do casaco, um lenço floreado de vermelho. Agenda na mão, parecia que vendia imóveis, a gravata e os cabelos pareciam de bailarino.

Passou por mim uma mulher negra com passo também vacilante. Próxima, nos olhamos nos olhos. Ela deixou cair uma luva preta e eu fiz menção de avisar quando um homem o fez, antes de mim. Ela respondeu como quem se esconde, isto não é meu. E me olhou, testemunha desse ato de se livrar do objeto incômodo, na anônima calçada onde a testemunha vale menos, suspeita que é

de estar no lugar errado, encostada em uma anônima e branca parede.

Uma mulher ia passando e foi possuída de ternura, depois de paixão, acelerou o passo, parecia falar com ninguém quando abraçou demoradamente o rapaz moreno que ia logo adiante. Eu e a mulher Guarani acompanhamos os dois até sumirem na multidão.

Me perdi no passeio e encontrei: um homem carregando uma mala; uma mulher com o casaco suspenso nas costas, com braços e mangas balançando de cada lado; um casal de cegos; o homem enfaixado, que hoje estava parado no meio da passagem. Fiquei feliz por encontrá-lo lá. Me assustei pela presença dele, no meio do passeio, parado como eu, sem nada fazer.

Passaram por mim:
- dois senhores de chapéu, elegantes;
- uma senhora de casaco verde-alface;
uma mulher negra com esvoaçante flor no cabelo;
- uma senhora curvada, segurando-se em uma bengala, torcida para o lado esquerdo, com a mão nas costas;
- um casal de chapéu e óculos escuros.

A estátua de anjo chegava. Fiquei feliz em vê-la. O moço da Tim a cumprimentou feliz, perguntou se estava viajando. Ela respondeu que sim. Senti que o tempo que fiquei fora pode ter sido o mesmo da estátua senti aliviado o sentimento de perda.

Hoje o homem enfaixado passou do outro lado da rua. Mais uma vez, senti que talvez não fosse ele, que, em outro, houvesse alguma semelhança enganadora, uma certa diferença no modo de andar, na postura.

Passou por mim uma mulher usando botas de salto tão alto que faziam o corpo se dividir ao meio, como se o tronco não se ligasse às pernas, que estavam excessivamente autônomas, andando sozinhas. A outra metade estava também dividida por uma cintura excessivamente apertada, que fazia o tronco ser dois e, o conjunto, uma escala de figuras

desencontradas, órgãos avulsos, montados aleatoriamente. A impressão de unidade quem lhe dava era o moço ao lado, com a mão em seus ombros, que aí sim juntava tudo aquilo em um só corpo: quase um títere.

Um homem fumando cachimbo e usando uma boina parou ao lado da estátua. Tive a impressão de já tê-lo visto antes ali na Andradas. Ficou assim por um tempo, olhando para ela, até ganhou sua sorte sem contribuir com moedas. A estátua chupou uma bala, um momento de intervalo.

A estátua hoje estava menos atraente, ao menos para mim, mas a senti particularmente bonita. Quando cheguei ao ponto de fotografá-la, a vi imensa, fincada no horizonte, quase voando.

O homem que estava ao meu lado quis limpar o campo de visão da câmera. Saíam da frente, não vêem que a moça quer fotografar, gritou para um grupo que conversava rente aos meus pés. Eu agradei, mas disse que não precisavam sair dali, eles, é claro, saíram um pouco constrangidos.

Logo que cheguei, a estátua sentou-se para descansar. Atendeu o celular.

Minha parede estava cheia. Ao meu lado, um grupo de senhores animados, um deles cantava Dolores Duran com sotaque castelhano. Cantava muito bem. Outro senhor chamava todos os mais velhos que andavam na passagem. Conhecia muita gente. Eles faziam aquilo que eu fazia, olhavam os passantes, e conversavam uma conversa à toa, brincando com a própria velhice, com a velhice dos outros, com uns que nem estavam ali, com uns que nem eles sabiam.

Hoje a estátua me chamou. Cheguei na Andradas e fui fotografar. Dessa vez espacei mais o ato fotográfico, olhei. Ela me olhou e me chamou. Disse que faz tempo que me vê, fica intrigada sobre o que eu faço.

Hoje a rua estava diferente. O fluxo difícil, desordenado.

Hoje vi o homem enfaixado atrás de um aglomerado, nunca mais vou esquecer seu rosto.

Um homem gritava com uma bíblia aberta nas mãos. Atrás dele, um profeta de ocasião sugeria o próximo texto. Eram as coisas da rua que entravam no texto sagrado: a maconha do menino, o jogo clandestino, o patrão endinheirado. Além deles, outros da rua que não vejo: a pomba-gira, o capeta. O homem que era profeta-ventríloco parou ao meu lado, estava feliz por ouvir seu texto gritado rua afora. Nem ao menos se mostrava, feliz, ele dizia: esse aí é maluco, ele repete tudo que eu digo. Ria do outro, gritando as suas palavras com a bíblia aberta.

Eu lembrei que não conheço nada da rua, ela me escapa toda vez que me aproximo.

Me encanta olhar a estátua, acompanhar seus olhos fisionomistas. Hoje o homem enfaixado me olhou.

Hoje eu não consegui estar só. Ao meu lado o senhor cantor de tango, Uruguai, conversava comigo. Contava sua vida de artista e também seu hábito da rua Praia. Está lá para se distrair. Os outros conversavam entre si, ele me achava simpática. Eu não consegui olhar a rua como queria. Me despedi dele, fui cumprimentar a estátua, que me respondeu:

Estás conhecendo os personagens do centro? Bem vinda aos personagens do centro!

Ela falou do alto do seu pedestal e me deu a seguinte mensagem: "todos os dias Deus nos dá um momento em que é possível mudar tudo o que nos deixa infelizes. O instante mágico é o momento em que um "sim" ou um "não" pode mudar toda a nossa existência." (anônimo)



Anônimo era a palavra-chave.

Senti o vazio da rua. Mais uma vez.
Seus buracos. Fiquei tonta.
Vertigem de estar sem foco.

Dois meninos guaranis brincavam nos
meus pés e pareciam não me ver.
Simulavam uma cama, cada um dormindo
virado para um lado e cada um
abraçando amorosamente uma lata de
refrigerante. Pensei que o amor não é
o mesmo. A lata derramava um pouco do
resto do refrigerante na laje, como
tinta.

Eu estava doente, sentia a fumaça da
rua cortando a garganta e o peito,

a materialidade da fumaça, sua
espacialidade. Passaram por mim os

- fumantes:
- uma senhora com blusa rosa-antigo,
fumava com a mão carregada de sacolas,
o braço pesado segurava o cigarro na
extremidade do dedo e fazia o corpo
pendar por cima dele;
 - um homem de camisa vermelha e chapéu
preto, fumava uma fumaça densa,
charmosa, impetuosa;
 - ao meu lado, uma moça conversava e
fumava com um homem também fumante,
não escutei o que diziam.

A estátua hoje me chamou logo depois
da fotografia. Me perguntou sobre a
minha semana, contou a sua em um
ato. Aconteceu, na semana passada. É

impossível esquecer a antiguidade da
ação do Anjo, há 16 anos parado na
mesma rua, todos os dias da semana.
Olho a Andradas por seus olhos quando
estou ao seu lado, é difícil prestar
atenção ao que ele diz.

Hoje encontrei duas pessoas de Santo
Ângelo enquanto falava com a estátua.
Senti uma estranha lentidão nas minhas
respostas, senti que não tinha o que
dizer. Há um esvaziamento do que sou
eu quando estou ali.

Pensei que levar a minha cama para a
rua não seria de todo estranho. Ali,
de alguma forma, tudo é natural. Tudo
é artificial, tudo é natural.

Vi a rua particularmente carnavalesca.
Os pés andando em ritmo harmônico,
levantando e pisando com exata
precisão. É incrível como, por alguns
minutos, a rua parece ensaiada, como
se todos ouvissem a mesma música.

Eu fui para a parede depois disso,
imaginando que aquele homem poderia
me perguntar o que eu estava fazendo
ali. Mas logo depois tive a impressão
de que isso não aconteceria. E não
aconteceu. Ele esqueceu, eu esqueci.

Vi o homem enfaixado na multidão,
passando o cruzamento. Caminhava um
passo lento, parava muitas vezes,
olhava para os lados. Tenho a
impressão de que me olhava. Ele me
olhava. Veio até a minha frente, no
centro da passagem. Parou, olhou para
os lados. Fotografei-o assim. Olhei
para trás e ele se foi. Perdi-o de
saída.

Olhei para a passagem interessada em
encontrar alguém que me fotografasse.
Dessa vez, resolvi chamar o primeiro
passante: não era nem homem, nem
mulher, nem jovem, nem velho, nem
bonito, nem feio. Era o primeiro.
Pareceu feliz quando parei seu
movimento. Falei o que precisava,
e ele ficou mais uma vez feliz e
me chamou de querida. Depois disse
que sou muito simpática. Parabéns,
querida, você é muito simpática,

passei por aqui antes, te olhei e
pensei: que moça romântica! Eu sorri
- romântica! Depois de feita a imagem,
me perguntou de onde eu era, e depois
disso, qual era a minha profissão.
Ficou surpreso duas vezes e, mais uma
vez, me parabenizou pela simpatia.
E mais uma vez, não perguntou o que
eu fazia ali, apesar do seu rosto
denunciar uma hesitação, uma latência.
Eu pensei, ele pensou. Se despediu
deixando seu cartão de visitas, para
qualquer coisa que eu precisasse.
Caburé Seguros, Eduardo.

Passou por mim o homem elegante do
outro dia, vestia branco-linho, do
chapéu ao sapato. Roupa impecável,
passada, engomada. Depois dele, um
papeleiro e eu pensei na moda: estilo
feito com o que há disponível. Vestia
duas calças, três blusas, cada uma
deixando aparente as outras camadas em
locais estratégicos, como histórias
que se contam através das cortinas
das casas desconhecidas. Na orelha, um
pêndulo equilibrado.

Senti o vazio da rua. Mais uma vez.
Seus buracos. Fiquei tonta.

Vertigem de estar sem foco.

As crianças guaranis não foram.
Sinto falta delas, sinto falta de não
entender a sua língua e olhar os seus
gestos. E entender pouco seus gestos

O que fazer com tanto lugar
desabitado?

A Andradas nunca mais foi a mesma
desde que o sol se moveu e lavou
a rua toda com sua luz. Ela ficou
grande, muito maior. Meu olhar quase
não encontra apoio. Os vendedores
se aglomeram nas pequenas faixas de
sombra, as pessoas fogem do centro,
buscam também caminhar na sombra das
marquises. Hoje eu fiquei feliz por que
tive onde me encostar, minha parede
voltou a ter uma pequena faixa de
sombra. Lá estavam a mulher guarani e
seu filho além de um rapaz encostado,
que parecia descansar. Parei ao seu
lado.

Um homem deitou-se próximo dos meus pés, exalava um cheiro forte, quase insuportável. Tira do bolso uma pequena garrafa de cachaça e, ao contrário do que imaginei, ele não bebeu, mas passou o líquido nos cabelos, no rosto, vagorosamente, como quem se lava. Ele ria, eu ria. O cheiro do álcool intensificava o outro, da falta de banho, ele não parecia sentir. A mulher vendedora da Tim também parecia não sentir. Logo ela foi ao encontro de alguém. Logo eu também atravessei a passagem indo embora e lhe acenei com a mão. Eu não sou mais anônima. Eu continuo sendo anônima.

Passaram por mim duas crianças guarani caminhando abraçadas. Era um desafio caminharem assim, ela riam muito. Seguravam-se uma na outra além de segurarem uma cinta. Acompanhei os dois até virarem a esquina.

Um grupo de guaranis ocupava um pedaço da minha parede. Sorri ao ver aquela fila de encostados, uns sentados, outros em pé, as crianças em torno dali. Era um espaço de apresentação e eu parei ao lado deles, na sequência da fila. Logo começaram a tocar, cantar, dançar. Por algum tempo deixei de ouvir aquela música e logo entendi que ela se cola facilmente àquele lugar. A repetição hipnótica é necessária para olhar esse lugar. Também é necessária para estar ali, uma companhia perfeita. Ganhei um sorriso de um dos meninos, logo que me encostei lá. Será que já o vi antes?

Hoje passaram por mim:
- um homem hesitante;
- um homem lento;
- uma mulher ausente;
- um homem recolhendo seu guarda-chuvas;
- um homem olhando para trás, como quem sabe o que aconteceu;
- um homem que não conseguiu acender o cigarro e guardou o maço no bolso.

O Anjo me disse que aprendeu com os meninos da rua que a rua maltrata quem está na rua.

A mulher fumava um mesmo cigarro, em etapas. A cada vez que queria reacendê-lo, chamava alguém na passagem para lhe emprestar a brasa. Acompanhei seu gesto, ela não trocava nenhuma palavra: levantava o braço mostrando o cigarro apagado e o outro lhe cedia o aceso. Uma vez o homem lhe estendeu o cigarro sem lhe olhar, ela também não olhava. Dessa vez, já estava perto do filtro, pouco havia para tragar.

Sento falta do homem enfaixado, não o vi mais. Hoje o procurei algumas vezes. Tenho a sensação de que não o estou reconhecendo.

Notas

¹ "O primeiro plano não duplica um indivíduo, assim como não reúne dois indivíduos – ele suspende a individuação. Então o rosto único e devastado une uma parte de um a uma parte de outro. [...] Ele absorve dois seres e os absorve no vazio. [...] primeiro plano-rostos é ao mesmo tempo a face e seu apagar." (DELEUZE, 1983, p. 177)

² Essa imagem pode ser vista no documentário *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho, de 2001.

³ No sentido de G. Simmel (1989).

DELEUZE, G. *Cinéma 1 – L'Image Mouvement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido, o tempo redescoberto*. São Paulo: Ed. Globo, 1998.

SIMMEL, Georg. *A Aventura*. In: *Philosophie de la modernité. L'aventure*. Éditions Payot, 1989.